

UM COPO DE ESTRELA NA HORA DA CÓLERA: A DESESTRUTURAÇÃO DA NARRATIVA

Raimundo Leontino Leite Gondim Filho
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN

PORTA ABERTA

Apresentam-se como objetivos deste breve ensaio, entre outros: a realização de um estudo comparativo entre as diferentes formas discursivas, tendo como paradigmas os romances *A hora da estrela* de Clarice Lispector e *Um copo de cólera* de Raduan Nassar, observando-se as variadas similitudes temáticas e estilísticas. De igual modo, as divergências de escrituras para a construção e desconstrução da prosa moderna, mostrando num plano dialético os relacionamentos virtuais geradores de sentido, ocasionados no discurso através da fragmentação dos textos – fragmentação, entendida, aqui, como a perda do sentido de totalidade, como o ajuntamento consciente de propostas narrativas que incorporam novas maneiras de apreender e de refletir o mundo. Outro objetivo baseia-se na discussão a respeito dos limites entre a textualização da prosa e da poesia, redimensionando os procedimentos formais que contribuem para a organização da escritura não ortodoxa do modernismo. E, finalmente, a aplicação de uma postura analítico-crítica, fruto das teorias da Literatura Comparada, aos elementos do modernismo, na trilha da interpretação intertextual, enumerando as características comuns e as diferenças capitais presentes em *A hora da estrela* e *Um copo de cólera*.

Podemos afirmar, em síntese, que a modelação fragmentária dos discursos e a formação discursiva dos narradores nortearam as nossas mais prementes indagações, visto que, o itinerário por nós percorrido, numa perspectiva comparativista, deparou-se com o duplo narrador, em Clarice e Raduan. Na primeira, um narrador falseado pela palavra silenciada, cujo perfil

esconde mais segredos do que verdades. E, no segundo, a simples troca de papéis como representação no palco da linguagem – o ator passa a palavra à atriz, na realidade, personagens de mesmo feitio e acabamento. Em ambos, tanto em Clarice quanto em Raduan, pode-se conferir que “o sujeito que fala no romance é um homem essencialmente social”¹, na correta afirmação bakhtiniana.

AS MÁSCARAS TROCADAS: A ESCRITURA POR UM FIO

Nossa primeira máscara, *A hora da estrela*, conta a história da alagoana Macabéa, espécie de retirante, que tenta sobreviver sozinha, tuberculosa, em permanente estado de fome crônica e sub-empregada no Rio de Janeiro. Tem a sua vida dividida entre os ambientes evocadores do romance naturalista com a sua lógica centrada na fortaleza dos instintos, no determinismo hereditário, na supremacia tirana e feroz do meio – como elemento definidor da personalidade e das ações humanas –, e, no próprio condicionamento das circunstâncias. Todos estes recursos estão bem inseridos nos argumentos romanescos de um Aluísio de Azevedo e de um Adolfo Caminha, entre tantos outros autores. Macabéa é a ‘típica’ personagem que poderia muito bem habitar os ‘sórdidos’ recantos sociais, descritos pela literatura de cunho ‘mais científico’, não fosse a habilidade extrema de Clarice Lispector em escantear os argumentos valorativos e moralizantes do romance naturalista. Macabéa mora num quarto com as companheiras Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas, na rua do Acre; ‘frequenta’ um decadente escritório na Rua do Lavradio e passeia, esporadicamente, no cais do porto.

¹BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1990. p. 135.

A datilógrafa Macabéa, Maca, tem o seu grande momento ao conhecer Olímpico de Jesus, nordestino, como ela, que procurava ascensão social a qualquer preço – seja do roubo ou do crime de morte. No entanto, o seu namorado (Olímpico) é logo roubado pela colega de escritório, Glória. Por remorso, Glória financia uma consulta para Macabéa com Madama Carlota, ex-prostituta e cafetina convertida em cartomante. Madama Carlota lê nas cartas melhores dias para Macabéa, prevê o seu casamento com um gringo rico o que será o ponta-pé inicial da completa felicidade *macabeana*. Ironia, ao sair da *consulta* a datilógrafa-retirante sem rosto é atropelada por um luxuoso Mercedes Benz, dirigido por um gringo. Esta é a hora da estrela de cinema que buscou a sua identidade observando-se no espelho a opaca imagem, que só a morte é capaz de refletir.

Por trás de todas as ‘aventuras’ de Macabéa está a figura majestosa de Rodrigo S. M., narrador-escritor que empreende, tresloucadamente, a busca de sentidos para a existência, mergulhado nas imagens de solidão e aspereza que os caminhos da vida nos oferecem. Rodrigo S. M. se espanta com o espetáculo da palavra, que, contraditoriamente, está atrelado à suprema glória do silêncio. Seu percurso é o da linguagem, viva-voz da memória e da arte. *A hora da estrela* é antes de tudo paciência.

Um copo de cólera, nossa segunda máscara, é uma novela curta, de trama enxuta, composta por movimentos de grande tensão literária; através de seis pequenos capítulos (‘A chegada’, ‘Na cama’, ‘O levantar’, ‘O banho’, ‘O café da manhã’ e ‘A chegada’) e um longo capítulo, ‘O esporro’, Raduan Nassar desfia a trajetória do ‘lobo solitário’, ele (o anônimo é a tônica da novela) que chega a sua chácara, onde, no portão, a amiga (ela) já o espera. Sobem para o quarto, fazem amor, tomam banho juntos, passam para o salão de café e, em seguida, desentendem-se profundamente. O motivo de discussão é o mais banal possível: ele observa da varanda a devastação que faz um formigueiro na base da cerca-viva. Ele incrimina um dos

caseiros (as únicas personagens nomeadas: dona Mariana e seu Antônio, além do cachorro Bingo, vira-lata da chácara e de um casal de coelhos – Quitéria, a parideira e Pituca, o velho e infalível reprodutor), ela, descontente, invoca os princípios humanitários dele, as coisas pioram, mil ofensas de lado-a-lado, quando tudo parece voltar à normalidade, ele a estapeia. Ela, indignada, parte; ele se deixa cair no pátio e chora como uma criança desamparada. É levado para dentro nos braços de seus dois caseiros. A narrativa recomeça com ‘a chegada’ dela, nova condição, novo fôlego. *Um copo de cólera* é acima de tudo paixão.

Com efeito, as duas narrativas possibilitam a confluência de elementos temáticos semelhantes. Em primeiro lugar, a provável banalidade do assunto, a ‘leveza’ em percorrer cada movimento pacientemente, costurando fio por fio a trama do destino. Depois, a expressão nostálgica do amor que transforma medo em coragem e reconhece a primazia do querer para a continuidade do próprio desejo. Segue-se, a reelaboração das convivências, o universo simbólico da procura como mecanismo de encontrar-se consigo mesmo. E, por fim, a frequência, nas narrativas, da linguagem como elemento cíclico do texto em permanente construção.

Todas as coisas, em *A hora da estrela*, apontam para a fragmentação discursiva: a presença dos dois narradores, a interpolação de vozes, a aspereza dos diálogos (cômicos e trágicos ao mesmo tempo, a encarnação do *clown*), o aspecto ambíguo da dimensão de cada personagem, a ruptura com a noção tradicional de gêneros (prosa e poesia em permanente diálogo), a complexidade dos espaços em branco (o silêncio como porta para o preenchimento do dito, o não-dito modelando atitudes) e, ainda, o chamado “desenredo”². Há, nesta narrativa o processo descontínuo e dilacerante, tanto do autor quanto do leitor. A banalidade do ‘enredo’

²PORTELLA, Eduardo. Identidade e diferença na terceira margem. In *Revista Terceira Margem*. Pós-Graduação em Letras da UFRJ, Ano I, n. 1, 1993. p. 13.

provoca ansiedades e recolhimento, a economia da linguagem reside na sua dupla-fala: um falso naturalismo-realismo recobrando uma escrita extremamente moderna.

Essa dimensão do livro indica que os significados recônditos do texto demoram a emergir, todavia, o rigor da história culmina com a aparição do narrador-escritor travestido de Macabéa, pois o projeto primeiro deste narrador diz respeito ao desnudamento e a captura da consciência da personagem principal. Macabéa ocupa o *des-lugar*, a sombra do outro. Radicaliza, dessa maneira, a marca social de Rodrigo S. M. que por meio da escritura tenta liberar seus fantasmas, *des-conhecendo* que a escassez do silêncio também rebate o sofrido exercício da palavra.

Um copo de cólera realiza a proeza, entre nós, de desarmar os espíritos mais reacionários, despindo-se de todas as formas preconceituosas, parodiando inversões lingüísticas e exteriorizando o patético da vida. A simplicidade do enredo funciona como chamariz, fogueira acesa nas sombras do esquecimento. De um lado, ele e do outro, ela – a mesma sorte e o duplo suplício da paixão. Ele-ela imaginariamente recolocando sonhos no vazio da fala. Mais uma vez, deparamo-nos com a primazia *desse silêncio tão falante* que faz, refaz, inventa, desinventa, arruma, desarruma, a inalcançável mercadoria de todas as perguntas. A nudez recomposta de silêncios, a paixão construída com o corpo, o corpo como alegoria maior das tentações, rocha bruta do querer. Ele corpo, ela copo – eles cólera; *co(r)po* até o limite da fome.

A narrativa de Raduan Nassar é um tambor batido que tem a força de estraçalhar carnes e espatifar espelhos. A tensão do texto é trepidante, selvagem e fingidamente louca, as palavras parecem comandar todas as funções humanas, elas têm pressa. Antes de tudo, misturam harmoniosamente situações. Dominar e transcender as palavras eis o desafio de toda cólera. *Um copo de cólera* desestrutura e desconcerta referências. Em cada cólera, a marca da sensualidade surge e multiplica a sublimação dos desejos através da eterna descoberta do amor. Em cada

cólera, o narrador-protagonista estabelece uma conturbada parceria com o leitor, tornando-o cúmplice de suas armadilhas, pois parece que a fala – *o esporro* – se realiza via ambigüidade, configurando o verdadeiro rito de passagem dos amantes. O narrador é, também, retirante da vontade e do vazio, seus intervalos silenciosos intensificam as inúmeras situações onde as ameaças, alimentadas pelos instintos, ferem mortalmente a hipocrisia do igual. Interessa o diferente, importa expulsar do plano da paixão a crença piegas em almas gêmeas. Texto singular, *Um copo de cólera* é antinaturalista por excelência (as evocações naturalistas de *A hora da estrela*, paradoxalmente, tornam a obra antinaturalista, também). O que possibilita ir mais longe nesse universo literário são as marcações temáticas, estilísticas e temporais bruscamente rompidas a cada investida de uma nova voz enunciativa que parece conhecer todo o drama narrado, dominando-o integralmente, não obstante, às vezes, deixando-se sucumbir frente à interferência da voz da personagem.

O centro das atenções em *Um copo de cólera* é o discurso, é a justeza do objeto narrado. Ele, o narrador-protagonista diferencia-se pelas marcas de igualdade, pela sua composição fragmentária e pela sua formação discursiva. Ela, narradora cíclica, causa e efeito da escritura, recebe e abre novas maneiras de desempenhar os papéis sociais; o círculo nunca se fecha, por uma questão artística ele está, constantemente, por fazer. Ele e ela são, como Rodrigo S. M. e a sua Macabéia, destroços, cartas de naufragos à espera de uma outra superfície.

O PERFIL DO AVESSO: CINTILAÇÕES DO OUTRO

Clarice Lispector escolhe Rodrigo S. M., escritor mal sucedido, para narrar a saga de Macabéia. A idéia globalizante que nós, leitores, temos ao ler a história da moça nordestina é a de que Macabéia só possui simulacros de identidade ou só se deixa fotografar de perfil. A

característica anti-realista de *A hora da estrela* é exteriorizada por intermédio da *intransividade* de Macabéa. Rodrigo S. M. almeja a completa nudez da personagem, sabendo que tal esforço resulta no seu delírio de artista que tenta aproximações humanas entre tipos, aparentemente tão díspares. Daí a observação de que, “a história da história define-se em parte pelo que não é”, entre o melodrama e a literatura de cordel, a estudiosa complementa, dizendo-nos: “*A hora da estrela* não é nem uma coisa nem outra, mas é certamente uma paródia do melodrama sentimental e lacrimoso”³. Sim, Rodrigo S. M., a seu modo, rompe com as estruturas acabadas do melodrama, propondo alternativas, às vezes, lúdicas sobre o próprio ofício de escrever-viver.

É interessante notar que as experiências do narrador-escritor tentam a todo instante proteger Macabéa, porém o destino e a sua fatalidade dão o rumo da prosa. Rodrigo S. M. confunde-se com a sua personagem, pois ele mesmo, personagem desta trama espiralada, desta história intransitiva, deste mergulho no inusitado do textual, não consegue escapar da consciência metafórica personificada pela metonímica do desejo. Tudo, em *A hora da estrela* está represado pela hesitação dos conflitos, pela preparação do corpo e pela representação das verdades desfeitas. É este ‘direito ao grito’, este ‘lamento de um *blue*’, é o não poder fazer nada. Ou ainda, como está na poética e enigmática dedicatória, a dupla cumplicidade entre a vida e a escrita, do inacabado movimento das respostas. Sim, *A hora da estrela* é a ‘saída discreta pela porta dos fundos’. É, em poucas palavras, ficar à vontade dentro da própria pele para compor outras veredas e filmar novas verdades.

Na linha argumentativa formulada, podemos identificar a prosa de Clarice Lispector, narrador-construtor, a partir de agora Narrador 1 (N1) e o seu representante, a sua estrela Rodrigo S. M., narrador-escritor, agora Narrador 2 (N2) como o imbricamento das tendências estetizantes

³ OLIVEIRA, Solange Ribeiro. Clarice Lispector e o repúdio do exotismo em *A hora da estrela*. In *Anais do 1º e 2º Simpósios de Literatura Comparada*, volume 2. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1987. Organização de SOUZA, Eneida M. e PINTO, Júlio C. M.

da prosa moderna. O modelo fragmentário, desestruturado e misto da ficção atual, onde o foco narracional é, constantemente, deslocado, provocando uma mistura de significados enriquecedores para o texto, bem como, outras alternativas, mais artísticas e complexas na elaboração de novos ângulos da palavra-escritura. *A hora da estrela*, com o duplo narrador e a dupla história, enfatiza os componentes que se reúnem e imbricam a falsa fixidez das impressões. É, certamente, uma bem urdida construção poética minada pela opacidade do dizer. Na medida em que se entende e aceita os encargos, Macabéa é o símbolo capital do grande desafio: realizar a vida com total esperança. O funcionamento da esperança para o N2 exhibe os dados de um jogo sagrado e profano a um só tempo, seu discurso nos remete à fantasia, ao mundo das histórias sem fim, conto de fada às avessas.

Todo esforço de entrelaçamento entre N1 e N2 comunica-se por intermédio da força e da ação dos riscos, escrever é arriscar, rabiscar a vida com as tintas do desejo, com o sangue e as cores do pré-pensamento, escrever é combinar sensações, participar da preciosidade dos horrores, observar o não-dito. É, também, violentar a mudez, o oco do nada, escrever é registrar em carne-viva as tentações da fome e do abandono, é ser poesia, como o jogo sedutor de Macabéa e os N1 e N2. Macabéa é uma espécie de onda leve nascida da poesia que surge como economia do verbal.

A verdade de Macabéa reside no coração da mentira e as referências existenciais do N2 (Rodrigo S. M.) são os delicados frutos da linguagem, linguagem que se quer poética, pois que é invenção, resistência do N1 (Clarice Lispector) absolutamente perto do selvagem segredo da memória – esse sopro de vida mítica, signo da aventura recriadora da história. Tanto Macabéa, auto-descoberta da beleza, quanto o N1 e o N2 estão *near to the wild heart of life*, todos são imagens e fragmentos do in-expressivo, do neutro vital, do substrato, dos olhos, da comunhão, da consciência transgressora e dos conflitos mais mezinhas, explicitados na figura da nordestina

Macabéa. Para todos, a vida é um grito de horror, entrincheirada por nesgas de esperança. Grito, horror e esperança na vida, desvios da singular *cólera* temperada pelo sabor dos desencontros.

Raduan Nassar, com *Um copo de cólera*, elabora uma alegoria⁴ desconcertante. A *alegoria da solidão e da finitude*. A dinâmica alegórica que envolve as personagens de *Um copo de cólera* é assoberbada por fantasmas interiores, oprimida por resquícios da infância e condicionada pela mutilação existencial que lenta e dolorosamente desintegra o ser fazendo-o perder a sua identidade. Nesse trajeto, de súbito, desaparece a harmonia do amor, elemento que se move por toda a trama feito sombra inconclusa das circunstâncias.

Como Clarice Lispector, em *A hora da estrela*, Raduan Nassar busca redefinir a própria língua como elemento principal da narrativa, pois, o narrador-protagonista de *Um copo de cólera* encontra na modernidade a explicação para todas as coisas. Na trilha de Benjamin ele reafirma o projeto de escrita dos tempos correntes, onde “a modernidade revela-se como sua fatalidade”⁵, seu brusco método de compreender as coisas nas coisas – a materialidade das formas.

A indagação maior do N1 em oposição ao N2, em *Um copo de cólera*, sugere-nos uma vertente que tenta banir a racionalidade, tudo é comandado pela sensualidade, tal como Macabéa – este silêncio feito vida, este coração disparado escrevendo nas estrelas, esta ‘fome de ser outro’. A surpresa deles (ele-N1, ela-N2) vem sob o signo do *esporro*, em razão disso, para a representação de Rodrigo S. M. e Macabéa com a sua brilhante e não menos faminta *explosão*, eles possuem outros temas comuns eivados de amor, traição, vingança, infidelidade, deslealdade, vulnerabilidade, dor, morte, redenção, esperança, perda; em suma, a essência do nosso espírito. Nos dois textos resvala a explosão das estrelas.

⁴FRANCO, Renato. *Itinerário político do romance pós-64: A Festa*. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 147-150.

⁵BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p. 27.

Um copo de cólera possui este duplo caminho, de amor e ódio, como o trajeto de Macabéa (entre a certeza e a dúvida da própria certeza, negação do sim, afirmação do não), o duplo dirige toda a trama da novela, porém, diferentemente de *A hora da estrela* onde os narradores se confundem e se completam, onde os narradores demonstram a sua mais ‘leal’ cumplicidade. Em síntese, os narradores têm em Macabéa o seu momento de *epifania*, já em *Um copo de cólera* os olhares dos narradores se desencontram, se opõem, os narradores são inacabados, um começa (ele) e o outro ‘termina’ (ela). O conectivo “e”, de Raduan, articula as falas e as fases da narrativa, exacerbando as lembranças em função do discurso, do dito pelo não-dito, este “e” corresponde exatamente ao “sim” inicial e final de Clarice. O “e” de Raduan acentua o embate dramático com a língua, plasma a realidade sem enfeites, aposta no estranhamento das relações, minimiza as confissões, adultera a tosca familiaridade dos consensos amorosos e investe numa *estética seca*, com retratos mínimos e flashes rápidos que brotam de um texto conciso ao extremo, todo ele matizado pela absoluta brevidade do relato.

PORTA ENTREABERTA

Em *Um copo de cólera* há a divisão do texto em duas partes, na primeira, ao longo dos seis primeiros capítulos pragmáticos e rudes da existência, a sua fala (*O esporro*, em especial) contamina toda a narrativa com a plena identificação do sujeito, que busca o intercâmbio das ‘coisas nas coisas’, que parte da palavra para a descoberta do mundo, que desdobra a sua personalidade apresentando a cronologia dos ensinamentos repassados pelo amor-ódio, de tal forma que o seu princípio de macho bate frontalmente com o signo do feminismo, atingindo seu ápice na transferência dos códigos humanitários, tal personagem-narrador aprofunda, a sua maneira, as discussões acerca da existência sócio-cultural, elaborando para si, conceitos individualizantes, exclusivistas e, por vezes, reacionários – espelho de uma só face.

Antagonicamente, a realidade labiríntica deste narrador encontra em ela-N2 a explicação possível para as suas lacunas. Na segunda e última parte da novela, ela-N2 sacrifica (em apenas um capítulo) todo o seu discurso para re-organizar o in-consciente de ele-N1, pois, enquanto categoria coletiva, a tarefa de inventar a vida, conciliando amor e ódio, abarca opiniões e naturezas distintas. *Um copo de cólera*, pela sua natureza verbal, reflete, na realidade, dois começos e dois fins, pelo mecanismo de substituição, a inversão das falas determina a convergência fragmentária do texto e concretiza, no plano metafísico, a possibilidade de penetrarmos no silêncio textual seguros de sua riqueza e de seu infinito poder.

Por sua vez, *A hora da estrela* é um somatório de discursos, de inquietações e de danações, onde as respostas estão nas próximas perguntas e as frases podem tocar, quase magicamente, o universo poético na pessoa de Macabéa. Os dois narradores, o implícito N1 (a própria Clarice) personificando a expansão do êxtase e a explosão do 'eu', funde, epifanicamente, a sua fala com a aspereza de Macabéa. Seu encontro com a personagem, nos bastidores da alma, marca as reflexões sensuais e a provável derivação de um discurso feminino extremamente apaixonado e apaixonante. O N1 age em silêncio, sua direção é a cósmica estrela em busca de sua hora. Já o N2, o explícito Rodrigo S. M., angustia-se com a sua in-capacidade para elaborar, no prosaico movimento da vida, uma narrativa profunda, humana e, além de tudo, poética. No entanto, sem jamais cair na pieguice e no consolador final feliz, tudo em Macabéa, apesar de algumas situações engraçadas, está acobertado pelo *véu trágico* dos desvalidos, Macabéa é uma *estrela desvalida*, passiva tanto na vida quanto na morte. Nos dois narradores de *A hora da estrela*, o elemento des-estruturador ultrapassa as suas potencialidades, visto que a relação entre eles registra o perigoso jogo da narração e da aceitação. Sob certos aspectos, o N1 busca na figura de Macabéa o próprio N2, do mesmo modo o N2 tenta achar o N1 na estrela de Macabéa, ocorre, assim, o *suicídio da paixão*, a chave da beleza do texto.

A hora da estrela e *Um copo de cólera* são, por assim dizer, transfiguração do desejo e desligamento das relações amorosas, escritos com a competência e a agudeza dos grandes narradores ou dos chamados escritores “visionários”⁶ preocupados com os caminhos de uma nova literatura, onde a meta a ser alcançada é a escritura da vida em forma de eterna sabedoria.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikail. *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. 2 ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et alii. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Tradução de Heindrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- CARVALHAL, Tania Franco. Olhar a América: a prática comparativista. In *Revista Terceira Margem*. Rio de Janeiro: UFRJ, Ano I, n. 1, 1993.
- FRANCO, Renato. *Itinerário político do romance pós-64: A Festa*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LUCAS, Fábio. *Do barroco ao moderno*. São Paulo: Ática, 1989.
- NASSAR, Raduan. *Um copo de cólera*. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras 1992.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Clarice Lispector e o repúdio ao exotismo em *A hora da estrela*. In *Anais do 1^o e 2^o simpósios de literatura comparada*. Belo Horizonte: UFMG, 1987.
- PORTELLA, Eduardo. Identidade e diferença na terceira margem. In *Revista Terceira Margem*. Rio de Janeiro: UFRJ, Ano 1, n.1, 1993.

⁶LUCAS, Fábio. *Do barroco ao moderno*. São Paulo: Ática, 1989. p. 105.